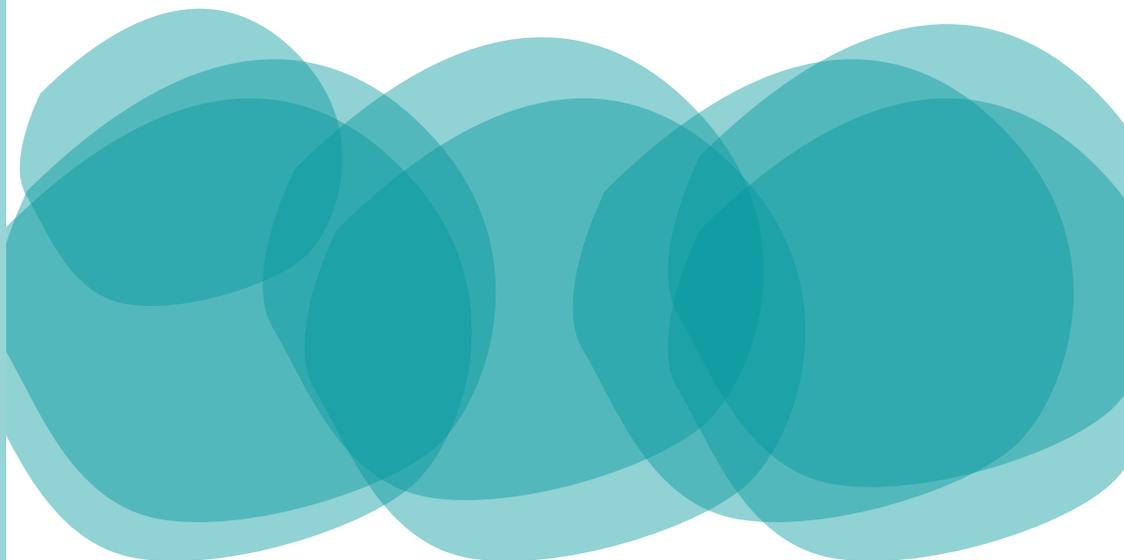


H o r i z o n t e s a o S u l



DOSSIÊ ESPECIAL

AS HUMANIDADES E OS EFEITOS DA COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DA UNILAB

Organização

Marcio André dos Santos (Unilab)

Clarisse Paradis (Unilab)

Autoria

Alexandre Cohn da Silveira | Carla Craice da Silva

Coletivo Mulheres, Políticas Públicas e Sociedade (MUPPS)

Eduardo Machado | Fabiana Paixão Viana | Fabiano Saft

Luciana Schleder Almeida | Luís Felipe Aires Magalhães

Magno Klein | Maria Alda de Sousa Alves | Maria Valdelia

Michely Peres de Andrade | Patrício Carneiro Araújo

Paulo Gomes Vaz Regina Balbino da Silva | Vera Rodrigues

n. 1, 2020

H o r i z o n t e s a o S u l

www.horizontesaosul.com

EQUIPE EDITORIAL

Luna Ribeiro Campos | Marcia Rangel Candido | André Félix | Simone Ribeiro Gomes

Vitória Gonzalez | Guilherme Marcondes | Leonardo Nóbrega | Rafael Rezende

CAPA, LAYOUT E DIAGRAMAÇÃO

Luna Ribeiro Campos | Marcia Rangel Candido | Vitória Gonzalez

Pandemia, “agro” e “sofrência”

Luciana Schleder Almeida³

A ideia de “esgotar” as possibilidades técnicas dadas, a ideia da plena utilização de capacidades em vista do consumo estético massificado, é própria do sistema econômico que recusa a utilização de capacidades quando se trata da eliminação da fome.
(Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*)

Este ensaio aborda expressões do patrimônio ideológico ligado ao agronegócio que surgiram no noticiário econômico e na indústria do entretenimento on-line logo que as medidas de distanciamento social foram adotadas no Brasil. Contém um tom de balanço a respeito da persistência de um modelo de capitalismo agrário colonial, baseado em monoculturas de exportação, que impõe prejuízos, talvez irreversíveis, à biodiversidade e que renova a sanha genocida contra povos originários. Por patrimônio ideológico, entendo a construção e a manutenção de um imaginário coletivo como estratégia de legitimação.

O termo “agronegócio” tem sido usado pelos movimentos camponeses para definir variados empreendimentos agropecuários integrados ao mercado global, baseados na exploração predatória da terra e de recursos hídricos, associada ao uso massivo de fertilizantes e defensivos agrícolas. A crise pandêmica da Covid-19 lançou luz nos aspectos deletérios das técnicas utilizadas na criação de animais e as condições insalubres das plantas de processamento de carnes. Cerca de 75% das doenças humanas emergentes ou reemergentes no último século são zoonoses ou doenças de origem animal (Zanella, 2016). A imprensa disseminou expressões como “mal da vaca louca”, “gripe suína” e “gripe aviária”, que sugerem essa associação. Essa má reputação do agronegócio, que também inclui a ligação com “condições de trabalho análogo à escravidão”, vem sendo atacada pelas organizações patronais nas últimas décadas por meio de campanhas publicitárias como a mais recente “Agro é tudo”. Essa reação está ligada também ao esforço de

³ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), mestrado (2008) e doutorado (2013) em Sociologia e Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Atualmente é professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e pesquisadora associada do Núcleo de Antropologia da Política (NUAP/UFRJ).

superdimensionamento do “tamanho” do agronegócio na economia, a despeito de sua dimensão política mais restrita. (Pompeia, 2020)

As notícias sobre os impactos econômicos da crise global ocasionada pela pandemia vem destacando a imunidade do mercado da soja - monocultura emblemática do “agronegócio” - e sua formidável contribuição para o PIB brasileiro. A implementação das medidas de distanciamento social, a paralisação de uma ampla gama de atividades produtivas e a queda das demandas interna e externa vêm causando uma forte retração nos indicadores da indústria, comércio e serviços. Contrariando essa tendência, as previsões para o PIB agropecuário são de crescimento entre 1,3 e 2,5% em 2020, sustentado principalmente pela lavoura. A previsão para os próximos anos também é positiva.

No campo da indústria cultural, o distanciamento social impôs modalidades caseiras de entretenimento como as “lives”: transmissões ao vivo em que usuários podem fazer comentários e deixar curtidas, além de acompanhar as atividades dos demais espectadores. As mais populares “lives” de abril foram as apresentações de artistas do “sertanejo universitário”, gênero musical que surgiu nas exposições agropecuárias realizadas nas cidades médias no Centro-Oeste e no oeste de São Paulo e Minas Gerais que celebram a modernização agrícola. Cantoras e cantores “sertanejos” costumam exibir nas redes sociais um estilo de vida que combina o “rural” com o “moderno”.

As “lives sertanejas” repercutiram não somente pela grande audiência, mas também por situações inusitadas criadas por cantores bêbados e por tornarem-se teatro de disputa política entre o presidente Jair Bolsonaro e o então ministro Henrique Mandetta. No primeiro episódio, a aparição de Henrique Mandetta, recomendando o distanciamento social, na “live” da dupla Jorge e Mateus, que alcançou 3,1 milhões de acessos simultâneos, foi encarada pelo presidente como uma provocação. Na semana seguinte, o cantor Gustavo Lima foi alvo de uma ação do Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) por apresentar-se embriagado e consumindo grande quantidade de bebidas alcoólicas em “live” que atingiu 2,6 milhões de acessos simultâneos. O presidente Jair Bolsonaro saiu em defesa do cantor, que foi seu apoiador na campanha eleitoral, numa rara menção elogiosa a um artista em suas redes sociais.

Essa reflexão suscitada pelo contexto da pandemia concatena a anunciada subversão da crise global pelo setor do agronegócio e a afirmação do “sertanejo universitário” como principal produto da indústria fonográfica na composição de uma narrativa de legitimação do modelo de capitalismo agrário vigente. É como se o “sertanejo universitário” fosse a trilha sonora da guinada conservadora que reflete o histórico compromisso do Estado brasileiro com a manutenção de uma estrutura fundiária concentrada e subserviente às demandas globais.

A identificação do governo Bolsonaro como o “agro” pode ser constatada até mesmo na logomarca oficial que sugere um campo verde sob o sol. Além de renovar políticas econômicas que vem conferindo suporte ao setor, o governo vem assumindo uma postura, no mínimo, complacente, que alimenta uma criminoso ofensiva contra movimentos sociais traduzida no maior número de assassinatos de lideranças indígenas e camponesas em 10 anos.

A neutralização ou o desmonte das instituições destinadas a garantir a preservação ambiental tem sido outra marca do atual governo. Essa tendência, no entanto, não foi inaugurada tão recentemente, podendo ser constatada no retrospecto dos últimos 10 anos. Após um breve período de fortalecimento do braço esquerdo do governo, com a chegada do Partido dos Trabalhadores à presidência da república, podemos constatar, ainda na gestão petista, o progressivo afastamento entre o governo e as bandeiras dos movimentos sociais ligadas à justiça no campo e ao meio ambiente.

Em 2008, havia um consenso de que o mercado global estava em crise e, assim como observamos hoje, o setor do agronegócio figurou como bastião da economia nacional. É importante notar que essa imunidade às crises globais não seria possível sem o aporte estratégico do Estado traduzido pela política de ordenamento territorial, trabalhista, ambiental, de crédito, infraestrutura, etc (Leite e Wesz Junior, 2016). Naquela ocasião, o compromisso do governo com o agronegócio, ficou evidente no reposicionamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que se retirou de boa parte dos conselhos federais que compunham o sistema de participação social e rejeitou a presença do presidente no 5º Congresso do MST realizado em 2007 (Comerford et al., 2014). João Pedro Stédile, da direção nacional do movimento, declarou à época que se tratava de uma resposta à defesa de interesses do “agronegócio e banqueiros”. Dentro do governo, essa

movimentação também ficou evidente em maio de 2008, quando Marina Silva deixou o Ministério do Meio Ambiente, mencionando “necessária a reconstrução da sustentação política para a agenda ambiental” em sua carta de demissão. Quatro anos depois, o Congresso Nacional aprovou o Novo Código Florestal Brasileiro que significou uma rotunda vitória dos segmentos ligados ao agronegócio.

A reação conservadora consolidada nas eleições de 2018 e encabeçada pelo que a crônica política apelidou de “Bancada BBB” (Bala, Boi e Bíblia) não somente recrudescer a agenda econômica predatória (em relação ao meio ambiente e aos corpos) como também assumiu uma espécie de cruzada moral contra o que chamam de “marxismo cultural”, “ideologia de gênero”, “direitos humanos” e outras tendências por assim dizer, “demoníacas” de artistas e intelectuais brasileiros. O campo da produção cultural, portanto, assumiu centralidade no debate público e é nesse sentido que o “sertanejo universitário” pode ser um tema revelador das disputas morais que vem ocupando o debate nacional.

O termo “sertanejo universitário” faz referência ao “sertanejo”, gênero musical que fez sucesso nos anos 1990, e o atualiza agregando “universitário”, que denota um elemento “moderno”, ligado ao modo de vida urbano e à mobilidade social. Há inclusive a absorção enviesada de protestos caros ao feminismo ligados a um subtipo do gênero protagonizado por mulheres chamado “feminejo” ou “sofrência”. As temáticas das canções revelam o “detalhamento de efeitos macroeconômicos da expansão da fronteira agrícola e do lulismo como exaltação do consumo, facilidade de crédito e mudanças na pirâmide social”.

A identificação do gênero musical com as “exposições agropecuárias” é reveladora da moralidade subjacente às aspirações “modernas” no campo. Eventos do tipo “exposições” surgiram na Europa do século 19 como “exposições mundiais” com o objetivo de celebrar o “progresso” associado à industrialização e ao sistema colonial. Trata-se de um formato, portanto, estruturado para afirmar formas de hegemonia política baseada no etnocentrismo europeu. Essa herança colonialista encontra-se inscrita na ausência ou mesmo na recusa de referências culturais não-brancas nessas performances artísticas.

A versão contemporânea das exposições geralmente cultua máquinas agrícolas, promove concursos de animais, rodeios e parques de diversões. A mais famosa exposição agropecuária é a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos no interior de São

Paulo. Artistas do “sertanejo universitário” rivalizam anualmente pelo título de “embaixador” da festa. O ponto alto são os rodeios que consistem em performances de culto ao peão de boiada em que o competidor monta um touro induzido a “pular” por uma cinta tracionada em volta do abdômen. Esse desejo de controle sobre as forças da natureza corresponde a uma referência “modernizante” fundamental no aprimoramento tecnológico do agronegócio e no avanço sobre “novas áreas”.

Notamos, portanto, como a legitimação do “agronegócio” está sustentada não somente pelo argumento “econômico”, mas também por formas de simbolização ligadas à indústria cultural que disputam projetos de sociedade nacional. O surgimento da pandemia deveria desequilibrar esse debate no sentido de radicalizar a reflexão sobre o consumo, fortalecendo as teses agroecológicas defendidas pelos movimentos camponeses que evidenciam a necessidade de refundar a produção de alimentos.

REFERÊNCIAS

COMERFORD, John Cunha; ALMEIDA, Luciana Schleder; PALMEIRA, Moacir Gracindo Soares. (2014), “O mundo da participação e os movimentos rurais: entre mobilizações, espaços de interlocução e gabinetes”, in: Herédia, B., Leite Lopes, S., (orgs.), *Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação*: CBAE/UFRJ; Rio de Janeiro, pp. 67-99.

LEITE, Sergio Pereira and WESZ JUNIOR, Valdemar João. (2016), “Políticas públicas para o financiamento do agronegócio no Brasil: programas, instrumentos e resultados com ênfase no caso de Mato Grosso”, in: Bühler, E. A., Guibert, M., e Oliveira, V.L., (comps.), *Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul*: Editora da UFRGS; Porto Alegre: Série Estudos rurais, pp. 104-124.

POMPEIA, Caio. (2020), “‘Agro é tudo’: simulações no aparato de legitimação do agronegócio”. *Horizontes Antropológicos* [on line], v. 26, n. 56 [13 de agosto de 2020] , p. 195-224. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/ha/v26n56/1806-9983-ha-26-56-195.pdf>

ZANELLA, Janice Reis Ciacci. (2016), “Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para saúde e produção animal”. *Pesquisa Agropecuária Brasileira* [on line], v.51, n.5, p.510-519. Acesso em: 20 de junho de 2020. Disponível em
<https://www.scielo.br/pdf/pab/v51n5/1678-3921-pab-51-05-00510.pdf>